

## HOMENAGEM.

### José Alcântara Machado de Oliveira\*.

*Sílvio Rodrigues*

Professor Titular de Direito Civil na Faculdade de  
Direito da Universidade de São Paulo.

No dia 19 deste mês, ou seja há 10 dias atrás, ocorreu o centenário do nascimento de um dos grandes professores desta casa, JOSÉ ALCÂNTARA MACHADO DE OLIVEIRA. É a Congregação dos Professores da Faculdade de Direito de São Paulo, hoje aqui se reúne para comemorar a data e invocar a memória daquele ilustre mestre.

Figura de extraordinária projeção, apresentou-se a seus concidadãos sob os mais diversos aspectos. Chefe de família exemplar, jurista de enorme sabedoria, político de inescandível talento, escritor extremamente bem dotado, ALCÂNTARA MACHADO foi, ainda e principalmente, um grande patriota. E a frase mais formosa, que jorrou de sua inspirada pena é, justamente, o hino a seu país. Não consigo vencer a tentação de recitá-la, no humbral deste discurso: Diz o mestre, em sua oração de posse, na Academia Brasileira de Letras.

“Assim, nem por gracejo se lembraria alguém de pôr em dúvida o meu brasileiro. Paulista sou, há quatrocentos anos. Prendem-se no chão de Piratininga todas as fibras do coração, todos os imperativos raciais. A mesa em que trabalho, a tribuna que ocupo nas escolas, nos tribunais, nas

---

\*. Discurso proferido na sessão solene da Congregação, realizada no Salão Nobre aos 29 de outubro deste ano, em comemoração do centenário de nascimento de José Alcântara Machado de Oliveira.

assembléias políticas deitam raízes, como o leito de Ulisses, nas camadas mais profundas do solo, em que dormem para sempre os mortos de que venho. A fala provinciana, que me embalou no berço, descansada e cantada, espero ouvi-la ao despedir-me do mundo, nas orações da agonia. Só em minha terra, de minha terra, para minha terra, tenho vivido; e, incapaz de servi-la quanto devo, prezo-me de amá-la quanto posso.”

Nasceu JOSÉ ALCÂNTARA MACHADO DE OLIVEIRA a 19 de outubro de 1875, na cidade de Piracicaba, filho do Professor DR. BRÁSILIO AUGUSTO MACHADO DE OLIVEIRA (Barão de Brasília Machado) e de dona MARIA LEOPOLDINA DE SOUZÀ MACHADO DE OLIVEIRA.

Depois de fazer seus primeiros estudos na Escola Neutralidade, dirigida pelo famoso educador JOÃO KOPKE, ingressou nesta casa em 1890, havendo recebido o grau de bacharel em 30 de abril de 1893. Sua vocação para o magistério, de certo inspirada no exemplo paterno, se fez sentir desde logo, de modo que, com menos de 20 submeteu-se a concurso e após obter aprovação, foi nomeado lente substituto desta Academia. Tomou posse e recebeu o grau de doutor a 4 de setembro de 1895, portanto ainda aos 19 anos. Trinta anos mais tarde, em 18-8-1925, passou a catedrático de Medicina Legal desta Faculdade, tomando posse da cadeira vaga com o afastamento de AMÂNCIO DE CARVALHO.

Do pai herdara, entre outros dotes, o da oratória. Um e outro foram oradores primorosos, de modo que suas aulas, a despeito do menor sabor da matéria, eram apreciadíssimas pelos estudantes. Aliás, parece ter sido ALCÂNTARA MACHADO o único bacharel no Brasil que foi a catedrático de Medicina Legal, disciplina sempre lecionada por médicos. É verdade que sua atividade política não raro o manteve afastado da cátedra. Mas isso jamais impediu que ALCÂNTARA MACHADO

amasse esta casa com a maior ternura e a ela dedicasse toda a sua atenção. Parece que, de todos os galardões que conquistou, o título de que mais se orgulhara era o de ser professor da Academia.

Em 1927 foi nomeado vice-diretor desta Faculdade. Exerceu, ao depois, o cargo de diretor entre 1931 e 1935, sendo que nesse período se iniciou a reconstrução desta escola. O velho convento franciscano foi substituído pelo prédio novo, conservando seu pátio as tradicionais Arcadas. A palavra de ordem proveio de ALCÂNTARA MACHADO.

O professor dedicado encontra paralelo no jurista de renome. Nessa qualidade fez parte da Comissão Organizadora do Código de Processo Civil e Comercial do Estado de São Paulo, juntamente com COSTA MANSO, JORGE AMERICANO e outros, sendo assim um dos artífices daquele extraordinário diploma legislativo, que honrou nosso estado.

Talvez sua maior obra jurídica seja o Projeto do Código Penal. Em outubro de 1934, sendo Ministro da Justiça o Prof. VICENTE RÁO, convidou, em nome do Governo, ALCÂNTARA MACHADO para elaborar projeto que atualizasse a legislação criminal brasileira. Pouco depois, entretanto, em fevereiro de 1935, se propôs na Câmara dos Deputados, fosse convertido em lei o projeto Virgílio de Sá Pereira, com as modificações que lhe haviam sido feitas pela sub-comissão legislativa de que faziam parte, com o autor do projeto, EVARISTO DE MORAIS e BULHÕES PEDREIRA. À vista dos estudos que se realizavam para a possível conversão do projeto SÁ PEREIRA em lei, preferiu ALCÂNTARA MACHADO, ao invés de se entregar à tarefa da organização de um novo projeto, colaborar, como membro e presidente da Comissão de Constituição e Justiça do Senado, na revisão daquele trabalho, logo que foi remetido àquela casa do Congresso. Havia ALCÂNTARA MACHADO ultimado a revisão dos capítulos que lhe haviam tocado, quando se operou a mudança do regime em 10 de novembro de 1937.

No mês seguinte o Dr. FRANCISCO CAMPOS, ministro da Justiça, pediu a ALCÂNTARA MACHADO que se encarregasse da elaboração do novo Código Penal.

O labor exaustivo a que se entregou ALCÂNTARA MACHADO produziu os melhores resultados. A Parte Geral do seu Ante-projeto, publicada meses depois, juntamente com a exposição de motivos, causou a melhor impressão, pelas diretrizes progressistas em que se norteava e pela excelência da redação. Prosseguiu o mestre em sua infatigável atividade, e pouco tempo depois publicou a parte especial, recebida com iguais louvores.

O projeto ALCÂNTARA MACHADO, com as modificações que lhe foram feitas pela comissão revisora constituída pelos eminentes juristas NELSON HUNGRIA, VIEIRÁ BRAGA, NARCÉLIO DE QUEIROZ e ROBERTO LIRA, veio a constituir o novo Código Penal do Brasil de 1940.

É grande a obra jurídica de ALCÂNTARA MACHADO, em sua especialidade. Enumerarei algumas:

- A Embriaguez e a Responsabilidade Criminal*, 1894;
- O Hipnotismo*, 1895;
- A Deformidade das Lesões Pessoais*, 1905;
- Suicídios na Capital de São Paulo*, 1905;
- Honorários Médicos*, 1919;
- O Exame Pericial no Direito Romano*, 1930;
- O Ensino da Medicina Legal nas Faculdades de Direito*, 1930.

Ao lado do professor e do jurista se apresenta refulgente, a figura do político. ALCÂNTARA MACHADO iniciou sua carreira política, elegendo-se vereador à Câmara Municipal de São Paulo, função em que permaneceu de 1911 a 1916. Antes de findar seu mandato, foi eleito deputado estadual, concorrendo pela chapa do Partido Republicano Paulista. De 1926, até a revolução de 1930, foi senador estadual.

Grande é a sua participação na Revolução Constitucionalista de 1932. Aliás, foi ALCÂNTARA MACHADO escolhido paraninfo da turma de bacharéis que se formou esse ano. Foi o padrinho daqueles moços, que com seus contemporâneos de faculdade, sentiram bater no peito a heróica pancada e deixaram a folha dobrada, enquanto se vai morrer. Em 1933, ALCÂNTARA MACHADO fez parte da Chapa Única por São Paulo Unido, composta pela elite de gente bandeirante. Eleito para a Assembléia Constituinte, seus pares o escolheram líder da bancada paulista no Parlamento. Seu desempenho na liderança foi dos mais brilhantes e graças à sua habilidade, nosso Estado conseguiu, afinal, obter um interventor civil e paulista, representado pela figura excelsa e magnífica do grande ARMANDO SALLES DE OLIVEIRA.

Promulgada a Constituição de 16 de julho de 1934, voltou ALCÂNTARA para São Paulo. Logo mais, entretanto, outra eleição estava às portas e o velho batalhador, sem tempo de ensarrilhar as armas, se encontra como candidato ao Senado Federal. Eleito, com uma votação enorme, ALCÂNTARA toma posse de sua cadeira de Senador. Estava no desempenho de tal mandato, quando o Congresso foi dissolvido em 10 de novembro de 1937.

Ao lado do professor, do jurista e do político surge, com um brilho ofuscante a imagem do homem de letras. Artista de palavra! Se vê gravado por debaixo de seu busto, num dos corredores desta Faculdade: ARTISTA DE PALAVRÁ, MESMO!

Há momentos maiores na obra literária de ALCÂNTARA MACHADO e não conheço passagem que mais me emocione, do que o trecho de seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, e que lhes li no início desta oração. O discurso é uma obra prima, do começo ao fim. E a figura de seu antecessor, JOSÉ DA SILVA RAMOS, desconhecida por muitos de seus contemporâneos, passou a ser grande em virtude do amor com que ALCÂNTARA o retratou. A descrição feita

pelo mestre do ambiente de Coimbra, no terceiro quartel do século passado, apresenta cores tão vivas e tão marcadas que o leitor como que sente farfalhar das capas negras dos estudantes, levantadas pelo vento que sopra do Mondego.

Outro grande momento do escritor se encontra em *A Vida e a Morte do Bandeirante*, obra publicada em 1929, reeditada em 1930 e 1943. Talvez a tenha inspirado a imagem daquele seu remoto antepassado, ANTONIO DE OLIVEIRA, chegado a São Vicente em 1532, que nesta terra fincou seus pés, permitindo que o descendente, com justificado orgulho, afirmasse paulista ser há quatrocentos anos.

AFRÂNIO PEIXOTO, no discurso com que recebeu ALCANTARA MACHADO na Academia Brasileira de Letras, se refere ao avô paterno do mestre, JOSÉ JOAQUIM MACHADO D'OLIVEIRA, pai de BRÁSÍLIO MACHADO e a quem chama de bandeirante moderno.

Conta AFRÂNIO PEIXOTO que, MACHADO DE OLIVEIRA foi varão ilustre, esforçado e douto. Diz ele:

“Foi soldado, batalhou nas campanhas do sul contra Montevideo e Buenos Aires, em 1812, herói em São Borja e Passo do Uruguai em 16, em Arapé e Catalão em 17, Taquarembó, em 20, chegando a brigadeiro em 44. Com a glória militar, tão prezada na América Latina, a imediata, a política, membro do Governo Provisório do Rio Grande, deputado por essa província na primeira legislatura geral, presidente do Pará, das Alagoas, do Espírito Santo, de Santa Catarina, deputado ainda por várias províncias, e pela sua, de São Paulo”

E mais adiante arremata, dizendo que MACHADO DE OLIVEIRA foi um bandeirante retardatário, heróico e ilustrado. E ao elogiar esse estupendo livro sobre a vida e a morte do

bandeirante, AFRÂNIO PEIXOTO afirma, que sua excelência decorre do fato de a experiência, ali retratada, ter sido sentida por aquele bandeirante, que a viveu pelo escritor seu neto.

Note-se que os pendores literários de ALCÂNTARA se manifestam desde muito cedo e duraram toda a vida. Já menino escrevia, para um pequeno jornal manuscrito, denominado O Rouxinol e em 1936, ou seja, quarenta anos depois, ainda está apaixonado pelas letras, e publica um livro de crítica literária, intitulado *Gonçalves de Magalhães ou o Romântico Arrependido*. Experimentou, na mocidade, a fase poética, época de plena efervescência do parnasianismo. Escondido por detrás de pseudônimos, publica alguns sonetos onde a influência de HEREDIA e de RAYMUNDO CORREA, é inescandível. Um exemplo se encontra no *Velho tema*:

“O homem, de gôzo e de prazer sedento  
Pede à vida as delícias que imagina;  
E ela, sorrindo, as anforas inclina,  
Que vertem a volupia e o esquecimento.

Qual a ardente ambição, que te alucina,  
Alma ou sentidos? O poder violento,  
O ouro invencível? O deslumbramento  
E a doçura da carne feminina?

Todos os vinhos que provares, todos,  
Hão de amargar-te os lábios imprudentes  
E verás, triste vítima de engodos.

Que, encarnecendo do desejo humano,  
Serve a Fortuna em taças diferentes  
O mesmo vinho e o mesmo desengano.

Ao lado do professor, do jurista, do político, do escritor, produto de fusão de todos eles, se apresenta em seu colossal

tamanho a imagem do homem. Figura humana de desmedido porte, ALCÂNTARA MACHADO, foi bom chefe de família, bom pai, bom filho, bom amigo. O convívio com a mocidade das Arcadas, fez dele um jovem até mesmo na senectude. Lembro-me de, quando estudante, ter várias vezes ouvido de meus colegas que o tinham ido visitar que ALCÂNTARA MACHADO os havia recebido afetosamente e que reservava para cada qual uma palavra encorajadora e afetuosa, que partia de seu grande coração.

Faleceu ALCÂNTARA MACHADO em 1.º de abril de 1941, aos 65 anos de idade e foi enterrado na mesma terra paulista onde repousam os mortos de que veio. Teve a ventura de ouvir, ao despedir-se do mundo e nas orações da agonia, a fala provinciana, descansada e cantada, que o embalou no berço.

A Congressão dos Professores da Faculdade de Direito de São Paulo, por intermédio deste seu representante, rende comovida homenagem a aquele grande mestre do passado, de quem ela muito se orgulha.